

## OS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS DA FRONTEIRA GAÚCHA: CHUÍ, JAGUARÃO E PELOTAS

*Paulino Vandresen<sup>1</sup>*

### 1 Introdução

No Português padrão, particularmente na escrita, as posições argumentais de objeto direto e indireto são preenchidas pelos assim designados “pronomes oblíquos” ou “clíticos” e podem preceder ou suceder o verbo, segundo condições estabelecidas nas gramáticas pedagógicas. Na fala coloquial, entretanto, como atestam os dados do Banco de Dados Sociolinguístico da Fronteira e da Campanha Sul Rio-Grandense (BDS-Pampa), os pronomes oblíquos podem ser substituídos por pronomes do caso reto ou por preposições mais pronomes. Assim, é comum ouvirmos “Eu vi ele na festa”, em vez da forma prescrita pela gramática tradicional “Vi-o na festa”. Além disso, tanto na fala quanto na escrita a colocação desses pronomes nem sempre segue as regras propostas pelas gramáticas e, também, a prática de colocação ou ordem dos clíticos (próclise ou ênclise) não é a mesma na fala informal e na escrita padrão. Este fato causa problemas na aprendizagem da escrita, especialmente para alunos que têm pouco contato com textos escritos.

Este trabalho em versão preliminar se propõe analisar o uso variável da colocação dos pronomes, a fim de fornecer subsídios para a preparação de materiais didáticos e treinamento de professores para a abordagem desse tema nas escolas. Pretende-se, com o presente estudo, fazer uma investigação preliminar do uso e da ordem dos clíticos na fala informal de moradores do Chuí, Jaguarão, cidades fronteiriças e Pelotas maior centro urbano da região.

Para esta pesquisa está-se utilizando dados do “BDS-Pampa” (Banco de Dados Sociolinguístico da Fronteira e da Campanha Sul-Riograndense) organizado por equipes de linguistas vinculados à UCPel (Universidade Católica de Pelotas) e UFPel (Universidade Federal de Pelotas).

O BDS-Pampa já conta com gravações das cidades de Chuí, Santa Vitória do Palmar, Rio Grande, Pelotas, Tavares, Jaguarão e Arroio Grande (na região do Litoral) e Piratini e Bagé na Serra do Sudeste e algumas entrevistas de Santana do Livramento no Pampa Gaúcho. Em outras doze cidades do Pampa e fronteira com Uruguai e Argentina, os dados ainda não foram coletados.

Coletamos dados sobre os clíticos e pronomes na função de complemento verbal das 72 entrevistas do BDS-Pampa, correspondentes a Chuí (24), Jaguarão (24) e Pelotas (24). Estas entrevistas registrem a fala informal de informantes, numa amostra estratificada em sexo, três faixas etárias (16 a 25, 26 a 49 e mais de 50 anos) e dois níveis de escolaridade. O BDS-Pampa oferece os dados sobre o português falado nesta região na forma de: a) fichas com os dados sobre os informantes; b) volumes contendo a transcrição ortográfica dos dados; c) fitas cassete; d) dados sonoros e transcrições armazenadas em CD-ROOM.

---

<sup>1</sup> UCPel e UFSC

## 2 Referencial Teórico

### 2.1 Os pronomes objetos no Português Brasileiro

Descrições do sistema pronominal, como as de Duarte (1986) e Monteiro (1994), mostram que no português falado há uma tendência de maior preenchimento das posições de pronomes sujeitos e uma baixa ocorrência dos pronomes oblíquos. A correlação simétrica apresentada pelas gramáticas tradicionais é substituída por um paradigma que permite o uso de formas pronominais do caso reto.

Os azuizinhos multou **a gente**.  
 Às vezes eu levo **ela** pra escola.

Os paradigmas conflitantes da gramática tradicional e o encontrado nas pesquisas sociolinguísticas com dados de fala do Projeto NURC, VARSUL e outros *corpora* podem ser vistos nos quadros 1 e 2.

**Quadro 1: O Sistema Pronominal da Gramática Escolar**

Pessoa do Discurso	Pronomes retos	Pronomes oblíquos
	Função subjetiva	Função objetiva
1ª pessoa singular	Eu	me, mim, comigo
2ª pessoa singular	tu	te, ti contigo
3ª pessoa singular	ele/ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa plural	eles/elas	se, si, consigo, lhes, os, as (Cegalla, p.113)

Observa-se que “você(s)” e “a gente”, na gramática de Cegalla, não são tratados como pronomes pessoais mas como formas de tratamento.

**Quadro 2: O Sistema Pronominal do Português Brasileiro Oral**

Pessoa e número	Formas do nominativo (Pron. Sujeito)	Formas do Acusativo (obj. direto)	Formas do Dativo (objeto indireto)
1ª pessoa singular	eu	me	me (a ou para) mim
2ª pessoa singular	tu, você	te, se, lhe	te, lhe (a ou para) ti ou você
3ª pessoa singular	ele / ela	ele, ela (l)o, (l)a, se	(a ou para) ele/ela
1ª pessoa plural	nós / a gente	nos, a gente	(a, para) nós, a gente
2ª pessoa plural	vocês	lhes, vocês	lhes (a, para) vocês
3ª pessoa plural	eles / elas	eles, elas (l)os, (l)as	(a, para) eles/elas

Os estudos variacionistas têm incluído “você” e “a gente” entre os pronomes pessoais. A comparação das duas tabelas mostra que no português falado, em quase todas as pessoas verbais há variantes que podem ser menos ou mais usadas segundo fatores linguísticos ou extralinguísticos considerados nas pesquisas sociolinguísticas.

2.2 Ao analisarmos dados do BDS-Pampa, das cidades de Chuí, Jaguarão e Pelotas pretendemos verificar se: a) paradigma verificado em outras regiões brasileiras se aplica também, nestas cidades, mostrando variação entre formas pronominais que preenchem as

funções de objeto direto e objeto indireto; b) se há influência, particularmente nas cidades fronteiriças de Chuí e Jaguarão, da sintaxe de colocação pronominal da língua espanhola.

2.2.1 No espanhol, os pronomes átonos podem ser enclíticos, formando uma só palavra ortográfica e fonológica com o verbo se este estiver no **infinitivo**, gerúndio ou imperativo: Tengo que **irme**, Estamos **hablandote, cómpralo** ahora.

Nas demais formas podem ser proclíticos, mesmo começando a frase: “Lo compraré en efectivo”. O que no entanto distingue mais o espanhol do português é a combinação de dois pronomes átonos com o verbo (Me lo quitaron ou quitáronmelo) que também ocorrem na fala e um maior preenchimento das posições do objeto, ao contrário da tendência de objeto nulo no Português.

2.3 Outro aspecto amplamente debatido por gramáticos e sociolinguistas é a posição pré- ou pós-verbal em que os pronomes átonos podem ocorrer.

As gramáticas pedagógicas tentam estabelecer regras para os casos de ênclise, mesóclise e próclise, submetendo os alunos a exercícios em que estas regras devem ser aplicadas na língua escrita e na fala formal. Como os casos de mesóclise se restringem ao futuro do presente e pretérito e porque são pouco usados na fala, analisaremos apenas as regras propostas para a próclise e ênclise. Cunha (1971, p.221) afirma que *sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição normal é a ÊNCLISE*, como neste passo de MACHADO DE ASSIS: *Cosi-me muito à parede, e vi-o passar com suas calças brancas engomadas*.

Para explicar a posição antes do verbo, os gramáticos recorrem à doutrina da atração exercida por determinadas palavras, tipos de orações ou tempos verbais, tais como:

#### **Próclise**

1. Palavra negativa (não, nunca, jamais, nada...)
2. Orações iniciadas com pronomes ou advérbios interrogativos.
3. Conjunções subordinativas e pronomes relativos.
4. Gerúndio regido pela preposição **em**.
5. Verbo no infinitivo flexionado etc.

A ênclise, por sua vez, é considerada obrigatória em:

1. Período iniciado por verbo.
2. Verbo no infinitivo impessoal regido pela preposição **a**.
3. Verbo no gerúndio não regido pela preposição **em**, além de outras especificidades.

Alguns gramáticos, em especial Said Ali (1966), têm defendido o fator rítmico-prosódico como motivo para as diferenças na colocação dos pronomes em Portugal e no Brasil. A preferência por vocábulos paroxítonos explicaria a preferência pela construção “Eu me lembro” em oposição a “lembro-me”, em que teríamos um vocábulo fonético proparoxítono. Da mesma forma, Monteiro (1994, p.195) argumenta que as formas encíclicas **lo(s)** e **la(s)** são preservadas por ocorrerem com formas verbais no infinitivo, produzindo vocábulos fonológicos paroxítonos: “Vou buscá-la na escola”. Os estudos feitos com o Português Brasileiro mostram uma tendência proclítica na fala informal e sérias dificuldades na aprendizagem da sintaxe de colocação no português escrito. Neste estudo preliminar, investigaremos se as comunidades de Chuí, Jaguarão e Pelotas seguem as tendências verificadas em outras regiões brasileiras ou se há influência do Espanhol, em contato com o Português, nesta região.

### 3 Metodologia

A Teoria da Variação, proposta por Labov (1972), parte do pressuposto de que a heterogeneidade é inerente a qualquer sistema lingüístico e que não ocorre aleatoriamente. A variante escolhida pelo falante pode estar associada a fatores extralingüísticos (sexo, classe social, escolaridade, faixa etária, região geográfica, grau de formalidade etc.) ou lingüísticos (tipo de oração, tempo verbal, presença de atratores etc.).

A determinação da influência de cada fator (lingüístico ou extralingüístico) na fala dos informantes pode ser feita por métodos quantitativos de análise, em nosso caso pelo uso do Pacote Estatístico VARBRUL, que fornece informações como: índice de aplicação da regra variável, frequência com valores percentuais e pesos relativos de cada variante, variáveis lingüísticas e extralingüísticas significativas para o condicionamento do fenômeno estudado e a interinfluência das variáveis.

Para este estudo, utilizamos 3.581 ocorrências de pronomes átonos nas posições de objeto direto e objeto indireto, na língua oral, nas cidades de Chuí, Jaguarão e Pelotas, sendo esses dados retirados do BDS-Pampa.

No que diz respeito ao *corpus* constituído por 72 gravações de mais ou menos uma hora são consideradas as seguintes variáveis extralingüísticas: sexo (masculino, feminino), escolaridade (Esc. 1 = indivíduos analfabetos ou que tenham estudado, no máximo, até a 5ª série do Ensino Fundamental; Esc. 2 = a partir do primeiro ano do Ensino Médio), faixa etária (16-25 anos; 26-49 anos e mais de 50 anos) e cidades (Chuí, Jaguarão e Pelotas).

O objetivo deste projeto é estudar vários aspectos ou variáveis lingüísticas das quais alguns estudos ainda não foram concluídos, como por exemplo, o uso variável dos pronomes átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *lhe(s)* em oposição ao uso de pronomes oblíquos tônicos ou pronomes precedidos por preposição (*pra + mim*, *ti*, *ele*, *nós*, *a gente...*) para preencher a função de objeto indireto.

Neste trabalho, apresentaremos: a) quadros de ocorrências dos pronomes nas 72 entrevistas analisadas; b) análise da frequência da próclise e da ênclise dos clíticos no contexto de verbo único; c) posição dos clíticos em ênclise e próclise com verbo único, por cidade estudada; d) posição dos clíticos em locuções verbais, por cidade estudada.

A análise do papel dos fatores extralingüísticos: sexo, escolaridade e faixa etária e dos fatores lingüísticos ainda não foi concluído.

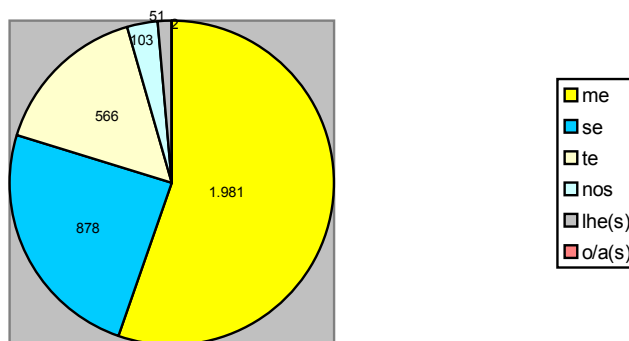
### 4 Análise dos dados

4.1. O levantamento dos pronomes tônicos e átonos nas funções de complemento revelou os seguintes valores apresentados na tabela 1 e gráfico 1:

**Tabela 1: Registro dos clíticos e pronomes tônicos precedidos de preposição nos dados das entrevistas de Chuí, Jaguarão e Pelotas.**

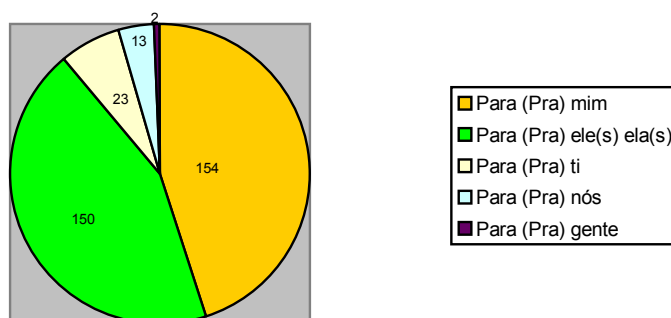
Clíticos	Ocorrências	Para + pronome	Ocorrências
<i>me</i>	1.981	Para (Pra) <i>mim</i>	154
<i>te</i>	566	Para (Pra) <i>ti</i>	23
<i>se</i>	878	Para (Pra) <i>você(s)</i>	4
<i>nos</i>	103	Para (Pra) <i>nós</i>	13
<i>lhe</i>	51	Para (Pra) <i>gente</i>	2
(l)o/a(s)	2	Para 9Pra) <i>ela(s) ele(s)</i>	150
Total	3.581	Total	346

Tabela 1, verificamos um maior uso de clíticos pronominais, entre estes estão os pronomes “-me, -nos, -te, -lhe”, entretanto, os dados mostram um emprego expressivo das formas “para você, para mim, para ela, para ele”. Esperávamos um maior número de formas dos pronomes do caso reto, com ou sem preposição, principalmente ele(a) como objeto direto. Neste trabalho ainda não está incluído o levantamento de objetos nulos, ou omissão do pronome objeto.



**Gráfico 1: Ocorrência de clíticos nas três cidades.**

**Gráfico 2: Ocorrência de pronomes tônicos**



## 4.2 A sintaxe de colocação dos clíticos na Fronteira Gaúcha

4.2.1 Os trabalhos sobre a colocação dos pronomes átonos no Português Brasileiro falado tem revelado uma notória tendência à próclise. Os resultados das três cidades aqui analisadas não é diferente.

Os resultados mostram que os falantes de Chuí e Jaguarão seguem claramente as tendências do Português Brasileiro falado no resto do país, não havendo sob este aspecto influência clara da sintaxe espanhola, conforme podemos verificar na tabela 2.

**Tabela 2: Frequência da próclise e ênclise em valores absolutos e percentuais com verbo simples**

Colocação Clíticos	Próclise		Ênclise	
	N	%	N	%
me	1.779/1.806	98,50	27/1.806	1,49
te	497/501	99,20	4/501	0,79
se	776/788	98,47	12/788	1,52
nos	88/88	100	0/88	0
lhe	37/41	92,50	4/41	10,0
(l) o/a(s)	1/2	50	1/2	50
Total	3.178/3.226	98,57	48/3.226	1,48

Os dados mostram um altíssimo percentual de ocorrências de próclise, bem mais elevado que os estudos de Monteiro (1994) e Vieira (2002) baseados em dados do Projeto NURC (Norma Urbana Regional Cultura). O pronome “a” com apenas uma ocorrência no contexto de lexia verbal simples aparece em “ênclise” com o verbo matar “Ele matou-a” num contexto em que esta colocação não é considerada obrigatória pela gramática.

Me, se e lhe, com respectivamente 22, 12 e 4 ocorrências, apresentam as maiores probabilidades de ênclise entre os clíticos aqui analisados.

Um fato interessante nestes casos de ênclise é que 31 das 48 ocorrências com verbo simples ocorrem na expressão ir-se embora: Vou me embora, vai te embora etc. Nos dados de Chuí há uma única ocorrência de próclise com embora: “Elas se iam embora”.

Dos outros 17 casos de ênclise 9 são de “se” (reflexivos) 4 de lhe, 1 de “a”, 1 “te” e 2 “me”.

4.2.2 Levando em consideração as cidades analisadas, observamos que em termos percentuais há pouca diferença no comportamento dos falantes, quanto à colocação dos pronomes átonos conforme, podemos observar na tabela que segue.

**Tabela 3: Posição dos clíticos e percentuais com verbo simples**

Colocação Cidades	Próclise		Ênclise	
	Ocorrências/ possibilidades	Percentual	Ocorrências/ possibilidades	Percentual
Chuí	929/943	98,51	14/943	1,48
Jaguarão	875/886	98,75	11/886	1,24
Pelotas	1.374/1.397	98,35	23/1.397	1,64
Total	3.178/3.226	98,51	48/3.226	1,48

O maior número de ênclises ocorre em Pelotas (23), e o menor em Jaguarão (11), mas percentualmente a diferença é de apenas 0,40%.

4.2.3 Fizemos também uma análise da posição dos clíticos em locuções verbais ou predicados complexos. As gramáticas tradicionais apontam duas possibilidades, segundo Perini (2003) “Quando o predicado é complexo, pode-se fazer ênclise ao auxiliar ou ao NdP (Núcleo do Predicado), desde que não se apliquem as restrições à ênclise: (31) a) Minhas primas estão-se comportando bem, ou b) Minhas primas estão comportando-se bem” (p.231). Mas, a seguir afirma que “No padrão brasileiro pode-se, igualmente fazer a próclise a qualquer dos dois: (32) a) Minhas primas se estão comportando bem ou b) Minhas primas estão se comportando bem” (PERINI, 2003, p.231).

Na verdade, a forma 32b que no Português Europeu é apontada como não gramatical é a mais corrente no Português Brasileiro falado como vemos na tabela que segue.

**Tabela 4: Posição dos clíticos na locução verbal**

Cidades	Próclise ao Auxiliar / clítico + Auxiliar + Verbo		Próclise ao Verbo / Auxiliar + Clítico + Verbo		Ênclise ao Verbo / Auxiliar + Verbo + Clítico	
	Ocorrência s/ possibilida des	Percentual	Ocorrência s/ possibilida des	Percentual	Ocorrência s/ possibilida des	Percentual
Chuí	7/79	8,86	72/79	91,14	0/79	0
Jaguarão	4/158	2,53	154/158	97,47	0/151	0
Pelotas	3/118	2,54	114/118	96,61	1/118	0,84
Total	14/355	3,94	340/355	95,77	1/355	0,23

A tabela 4 mostra a possibilidade de três ordens dos clíticos: a) clítico + auxiliar + verbo; b) auxiliar clítico + verbo e c) auxiliar + verbo + clítico.

A opção c) ocorreu apenas com o clítico de 3ª pessoa precedido pelo verbo no infinitivo: “Vou levá-lo embora”.

A opção b) antes considerada com restrições quanto à sua gramaticalidade, é a preferida pelos falantes, com percentuais acima de 90% em todas as cidades.

A próclise ao auxiliar apresenta índices mais elevados em Chuí (8,86%) mas índices relativamente baixos nas duas outras cidades.

Fica bastante claro pelos dados que o falante da fronteira gaúcha prefere a próclise ao verbo principal. As ocorrências de próclise ao auxiliar são explicadas, em parte, pela ocorrência dos “atratores”:

... diz **que** nos iam matar...  
**não** me vai jogar...

Também no contexto do verbo simples o falante da fronteira gaúcha segue a tendência de próclise verificada em outros estudos do português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ALI, Manuel Said. **Dificuldades da língua portuguesa**. 6.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1966.
- CEGALLA, Domingues Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Alves, 1971.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoghia. **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. São Paulo: PUC (Dissertação de Mestrado), 1986.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

- MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais**. Fortaleza: Edições UFSC, 1994.
- PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português**. Rio de Janeiro: UFSC. Tese de Doutorado Inédita, 2002.